

A FORÇA DE CRIAÇÃO DA PALAVRA COMO ELO ENTRE CLARICE LISPECTOR E AS LITERATURAS AFRICANAS

Rhanica Evelise Toledo Coutinho *,**,***,****

rhanica.coutinho@gmail.com

Gabriela de Castro Maciel de Oliveira*

belikovgabi@gmail.com

* Universidade Federal Fluminense/Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro, Volta Redonda/RJ - Brasil

** Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda/RJ – Brasil

*** Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal

RESUMO

Esta pesquisa se dispõe a estudar a aproximação que a perspectiva da força de criação da palavra, objeto desse estudo, permite entre a literatura de Clarice Lispector e o pensamento de filósofos africanos que estudaram a literatura deste continente. Sendo assim, busca-se, com este trabalho, esclarecer, apesar das disparidades do seu contexto de produção ou forma (caráter oral ou escrito), de que maneira essas literaturas se aproximam. Tal aproximação foi feita seguindo uma lógica de comparação que respeita as semelhanças e distanciamentos entre os dois contextos, de produção e cultural, e textos literários, utilizando-se, para isso, trechos da obra de Clarice Lispector, de filósofos africanos e críticos literários, ao que comprovou-se que ambas literaturas partilham a concepção cultural da força de criação da palavra, a qual também encontra correspondência nos mitos de criação em que cada produção está inserida, ainda que tratem-se de religiões e conjunturas distintas; dessa forma, verificou-se que tanto Clarice quanto escritores africanos encontraram no poder de criação da palavra a possibilidade de manterem-se vivos e efetivar sua expressão enquanto ser humano, já que ambos reconhecem que a linguagem não é mero instrumento de comunicação, mas conforme o ilustrado em suas origens culturais e ao longo dos movimentos de resistência empregados nos dois casos, uma extensão do homem e a força que gerou tudo o que existe. Portanto, no que diz respeito, no caso da literatura africana, à luta pelo não desaparecimento de sua cultura original, outrora massacrada pela colonização europeia; e em Clarice Lispector, à compreensão de si mesma e da essência universal humana, a palavra e sua força de criação foi o que permitiu uma exteriorização bem sucedida de suas próprias forças e capacidade de recriarem-se.

Palavras-chave: Literaturas africanas; Clarice Lispector; força de criação da palavra.

1. INTRODUÇÃO

A noção do poder de criação da palavra vem traduzir o verbo como fonte de criação e origem da vida, da natureza e de tudo o que existe enquanto matéria. O seu uso no intuito da geração de vida e, sobretudo aqui, por meio da literatura, nos faz compreender de que forma a palavra permite a criação e recriação da realidade, com vistas, inclusive, à reafirmação de si mesmo, que acontece na literatura intimista e essencialmente escrita de Clarice Lispector, ou de um coletivo, bem como a reafirmação de uma identidade cultural, como é o caso das literaturas africanas, de caráter oral.

Para isso, buscou-se referência nos mitos de criação do mundo nas duas culturas em que as respectivas literaturas estão inseridas. Desse modo, constatou-se que, de fato, na perspectiva da criação do mundo judaico-cristã, sabe-se que a palavra apresenta propriedades de criação desde os primórdios, sendo ela própria a fonte da vida, se considerarmos que em Gênese, Deus fez o mundo por meio do verbo, sendo ele próprio confundido com o verbo segundo o evangelista João (BÍBLIA SAGRADA, 2009). E assim também na cultura africana, autores como Hampate Bâ (1993) vão relacionar a palavra como força fundamental do Ser Supremo, que criou o mundo, o homem e natureza.

Entende-se, a princípio, que a força vital da palavra aproxima Clarice Lispector do pensamento de alguns filósofos africanos que refletiram acerca da literatura africana, e, portanto, da própria literatura africana, de modo que a perspectiva da força de criação das palavras é fortemente marcada em ambos contextos; essa força vital estabelece relação entre ambas literaturas na medida em que tanto Clarice quanto a literatura africana, em sua essência, vão buscar construir uma literatura pautada na noção de palavra não como mero instrumento de comunicação, mas como extensão do homem, materialização de força, mecanismo de reconstrução ou construção de uma realidade interior ou exterior, pessoal ou coletiva. Logo, independente da forma utilizada para o uso da palavra, é ela a responsável por traduzir o sujeito de forma efetiva nos dois contextos.

No entanto, apesar da proximidade entre ambas literaturas no que diz respeito à crença no valor e poder criativo da palavra, tal noção se desdobra de maneiras diferentes nos dois contextos. Isso acontece primeiramente porque a literatura africana apresenta um caráter oral muito intrínseco ao fazer literário, que encontra na oralidade a força vital que essa mesma palavra oferece, de modo que manter os traços de oralidade significa também manter-se vivo.

A compreensão do mundo na cultura africana se dá por meio da palavra falada, e nisso consiste também a dificuldade desses autores em transmitir o poder de criação da palavra à escrita. Tal desdobramento se dá em oposição ao texto clariceano, que é essencialmente escrito, e busca demonstrar a força da criação ao extrapolar os limites da língua em sua escrita, subvertendo a lógica convencional da linguagem e de gêneros, mas ainda assim, de forma distinta do propósito literário africano.

Além disso, a literatura africana nasce, sobretudo, da necessidade de manter-se como elo de uma coletividade despedaçada pelo propósito colonizador europeu, ao passo que a literatura de Clarice é intimista, individual, mas também precisa estabelecer um elo entre a autora, seu eu-lírico e narradores, e os conflitos essencialmente humanos que marcam sua obra. Assim, a força vital da palavra representa, para Clarice, uma forma de investigar a essência humana, e nisso consiste sua dificuldade em usar a linguagem dentro de sua lógica convencional, já que aquilo que é sentido não pode ser meramente descrito; do mesmo modo, a necessidade de manter a cultura oral dentro da produção escrita representa a dificuldade dos escritores africanos, sendo que, ao longo dessas tentativas, ambos se aproximam por encontrarem na palavra a única força ou instrumento que permite, apesar dos inconvenientes, sua existência, resistência e expressão.

Por isso, busca-se, com este trabalho, esclarecer, seguindo uma lógica de comparação que respeita as semelhanças e distanciamentos entre os dois contextos e textos literários, apesar das disparidades do seu contexto de produção ou forma (caráter oral ou escrito), a partir da seguinte pergunta: de que maneira essas literaturas se aproximam por encontrarem na perspectiva do poder de criação da palavra uma forma de manterem-se vivos? Considerando-se, para responder a esta pergunta, a possibilidade de criação de novas realidades proporcionadas pela palavra, procurou-se identificar como Clarice retrata a força de criação da palavra e descrever como seus críticos enxergaram esse uso; depois, ilustrar esta perspectiva pelo viés dos pensadores africanos e trechos de obras das literaturas africanas, contrastando suas peculiaridades e diferenças, para, por fim, constatar e justificar suas semelhanças quanto à perspectiva de palavra como motor de criação e origem da vida, do universo, do homem, na natureza e da realidade.

Para atingir os objetivos já explicados, pautou-se nas Dimensões da pesquisa-científica propostas por Novikoff (2010) e foi utilizada revisão bibliográfica baseada nos trechos de alguns filósofos africanos, autores africanos de língua portuguesa e a obra de Clarice

Lispector, juntamente com críticos de sua obra; além disso, utilizou-se também a literatura comparada dos textos supracitados, visando a aproximação dos dois tipos de produção literária.

O presente estudo foi organizado em tópicos, conforme os objetivos, de modo que cada tópico deverá atender a um ou dois deles. Assim, o tópico um vai se preocupar em explicar o que é e em quê consiste a noção de força vital da palavra, para, no tópico dois, ser possível identificar a forma como Clarice a retrata em sua obra, já relacionando esse uso à descrição deles na visão de alguns críticos. O tópico três deverá ilustrar a concepção de palavra como força criadora dentro do contexto de produção literária africana, auxiliada por teóricos e críticos desta literatura. O quarto tópico, por fim, será dedicado à comparação, com o contraste e aproximações entre os textos anteriormente apresentados, justificando as semelhanças apresentadas como pressuposto deste trabalho, ou seja, neste tópico demonstraremos de que forma a perspectiva da palavra como instrumento de criação, origem da vida e de todas as coisas aproxima as duas literaturas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, ORGANIZAÇÃO TEXTUAL E REFERENCIAÇÃO

2.1 A FORÇA DE CRIAÇÃO DA PALAVRA

Entender a noção de força vital da palavra significa entendê-la como fonte de criação, isto é, observar seu uso no intuito da geração e criação de vida, principalmente, aqui, por meio da literatura, seja para criar ou para recriar a realidade e as coisas existentes no mundo, seja como forma de criação de uma identidade cultural ou na reafirmação de si mesmo e de um coletivo, enquanto ser humano, já que a palavra vital é extensão do homem, e não sua mera expressão.

Nesse sentido, sabe-se que, considerando a perspectiva judaico-cristã de criação do mundo, a palavra apresenta propriedades de criação desde os primórdios, sendo ela própria a fonte da vida, se considerarmos que, em Gênesis, “Deus disse: faça-se a luz! E a luz se fez” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 15), indicando o poder de criação da palavra, já que por meio da fala de Deus fez-se a luz, a água, o firmamento. Inclusive, a noção do verbo enquanto

motor de criação se repete em João, ao dizer-se que “no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p.1310), quando a noção de verbo e palavra se confunde com o próprio Deus criador, aquele que gera a vida e todas as coisas. E como prova da força de criação da palavra, o evangelista demonstra o poder de concretização dessa força ao dizer que “o verbo se fez carne e veio morar entre nós” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p.1311).

Na cultura africana a força da palavra também tem raízes no campo semântico da criação, já que está, para alguns povos africanos, diretamente relacionada ao surgimento do universo, da natureza e do homem. E ainda, sem perder de vista o caráter social e de resistência, por sua vez essencialmente intrínseco às literaturas africanas, entende-se, neste universo cultural, a palavra como exteriorização das vibrações das forças; para os africanos, tudo o que existe é a palavra que se materializou (MARCONI, 2015).

Logo, a palavra também é retratada como instrumento de criação do Deus criador de alguns povos. BÂ (1993, p. 20) afirma que “a tradição bambara do Komo ensina que a Palavra (kuma) é uma força fundamental que emana do Ser Supremo, Maa Ngala, criador de todas as coisas. É o próprio instrumento da criação: “O que Maa Ngala diz, é!”. Verifica-se aqui que por meio da palavra as coisas são, ou seja, basta-se que o ser supremo as diga, e então elas se fazem, exatamente como a lógica judaico-cristã anteriormente apresentada.

2.2 A ESCRITA VISCERAL E A PALAVRA CRIADORA DE CLARICE

Pode-se dizer que, em Clarice Lispector, o intuito criador da palavra se manifestou mesmo antes de autora começar a produzir literatura com este fim. Em biografia dedicada à autora, Benjamin Moser (2013) revela que sua mãe sofria de sífilis, doença contraída por meio de um estupro, durante os anos de guerra na Ucrânia, onde a família vivia antes de mudar-se para o Brasil. Conforme uma lenda judaica, a gravidez deveria ser um meio de restauração da saúde da gestante, e sendo Clarice a filha nascida após a contaminação da mãe, esperava-se que esta fosse curada.

Obviamente a expectativa foi frustrada, e como consequência o biógrafo conta que a autora passaria o resto da vida procurando soluções de cura para a mãe e para a culpa que carregava consigo por não tê-la curado por meio das palavras, o que exemplifica no trecho

“quando Clarice criava histórias, usando acessórios como lápis ou ladrilhos, ela inventava desfechos mágicos, em que uma invenção milagrosa curava a doença da mãe” (MOSER, 2013, p. 68).

Anos depois, logo após a publicação de seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem*, em 1998, Antônio Candido reconheceu a visceralidade da escrita clariceana em um texto intitulado *No Raiar de Clarice Lispector*, afirmando que para a autora “a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito” (CANDIDO, 1977, p. 127). E não obstante, no mesmo texto, o crítico ressaltou a expressão de criação que a literatura representava para a autora ao afirmar que “Clarice Lispector aceita a provocação das coisas à sua sensibilidade e procura criar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação” (CANDIDO, 1977, p. 128), o que chama atenção para o propósito de recriação da realidade por meio do verbo, que perpassa toda a obra da autora. Já em seu livro de estreia, justificando inclusive a afirmação supracitada de Antonio Candido e reafirmando essa prática para além de brincadeiras infantis, inserindo o valor vital da palavra, agora sim, na literatura, Clarice demonstra consciência da força de constituição da palavra desde seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, ao reconhecer que “no momento em que tento falar não só exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que digo” (LISPECTOR, 1998, p. 21), reafirmando a palavra como motor capaz de provocar sensações e construir realidades interiores.

Não à toa, 41 anos depois da obra *Perto do Coração Selvagem*, a autora retoma essa temática de forma categórica no livro *A Descoberta do Mundo*, afirmando que “a palavra é meu domínio sobre o mundo” (LISPECTOR, 1999, p. 59). Por meio desse trecho, pode-se estabelecer um paralelo entre a força da palavra de Deus, que cria o mundo, e tem sobre ele o domínio, uma vez que é o seu criador, e a força da palavra clariceana, já que a autora encontra nelas uma forma de se relacionar, compreender e exercer-se enquanto pessoa, inserida nesse mesmo mundo.

2.3 A FORÇA VITAL DA PALAVRA AFRICANA

Bem como na obra de Clarice, considerar a palavra no contexto africano implica uma breve contextualização histórica, uma vez que, conhecido o passado de colonização africana, por meio da qual estes povos perderam muito de sua cultura e, sobretudo, sua própria língua,

compreende-se de que maneira a concepção de palavra pode diferenciar-se da nossa, já que, em meio à colonização exaustiva, esses povos sentiam necessidade de reafirmar sua cultura e palavra agiu neste intuito.

Meloni (2015, p. 11) afirma que para os povos africanos “o valor do termo palavra transcende o que conhecemos por língua ou qualquer código linguístico. [uma vez que] A palavra, nesse contexto, é a força que movimenta a vida, que anima, que confere sentido à existência das coisas e à relação entre elas”. Dessa forma, o autor ilustra para nós a essência oral da palavra na cultura africana, caracterizada pelo movimento, isto é, pelo ritmo, cadência, que, inclusive, remonta os sons da natureza. Por isso, diz-se que a palavra é “catalisadora das forças naturais, dos sentimentos humanos, das situações incomuns e corriqueiras” (MELONI, 2015, p. 11).

No entanto, para o colonizador europeu, e sobretudo o colonizador português, sociedades ágrafas não eram entendidas como portadoras de algum tipo de cultura. Embora a palavra constituísse nessa sociedade uma literatura própria, uma produção literária e sobretudo sua identidade cultural, a literatura não-escrita não foi levada em consideração pelo colonizador. Inclusive, a manifestação cultural meramente oral dos povos africanos tornou-se justificativa para o propósito colonizador, ou o fardo do homem branco, por meio do qual ensinava-se a ler e escrever em língua portuguesa como forma de dominação, “civilização” e, conseqüentemente, prejuízo da cultura oral africana (MELONI, 2015).

Visto isso, o uso da palavra mantém seu caráter vital na medida em que esta oralidade torna-se “responsável pela transmissão das histórias, lendas e ritos ancestrais para as gerações futuras” (MELONI, 2015, p.11), isto é, pela manutenção das histórias dos povos que perderam suas terras, suas crenças, valores e cultura. Ao passo que o europeu alfabetizava em língua portuguesa e esse processo tirava dos povos africanos o direito de exercer sua cultura como ela era, escrever mantendo traços da oralidade tornou-se a única maneira de não perder completamente sua originalidade.

Assim, pode-se entender também porque a escrita, em certa medida, aprisionava as vertentes e possibilidades da palavra, já que, conhecido seu histórico cultural ágrafo, o ato de escrever significava assumir a cultura do colonizador, abandonando, em parte, a sua própria. Uma vez alfabetizados em língua portuguesa e assumindo-se a intenção autoral de construir uma literatura escrita africana, coube a esses povos procurar meios, além das histórias transmitidas oralmente, de produzir uma identidade cultural tendo de fazer uso da língua do

colonizador, de modo que “transpor sua representatividade para a palavra escrita sempre foi e será o grande desafio dos escritores africanos” (MELONI, 2015, p. 13).

Nesse contexto, autores como Manuel Rui vão escrever sobre a tentativa de produzir uma literatura escrita procurando registrar de que modo buscava-se transcrever a cultura oral sem perder sua essência por completo, já que sentiam necessidade de fazer sua literatura, ainda que na língua estrangeira, um manifesto cultural próprio, que não reforçasse necessariamente o poder e a opressão do colonizador, e, portanto, corroboravam a busca pela reafirmação cultural, como ilustrado no trecho “não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. Se o fizer deixo de ser eu e fico outro, aliás, como o outro quer” (RUI, 1987, p. 309).

No mesmo texto, Rui descreve a língua como um canhão, propondo esclarecer de que forma a mesma arma que os agride mortalmente também se torna uma arma de resistência e manutenção da cultura original desses povos:

(...) sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmontá-lo peça a peça, refazê-lo e disparar não contra o teu texto não na intenção de o liquidar mas para exterminar dele a parte que me agride (...). Mas para isto eu tenho que transformar e transformo-me, assim na minha oratura para além das estórias antigas na memória do tempo eu vou passar a incluir-te. Vou inventar novas estórias (RUI, 1987, p 309).

Dessa forma, a apropriação voluntária da língua portuguesa enquanto instrumento de construção de uma literatura torna-se uma contrarrevolução, já que o que antes era instrumento de dominação constitui agora uma forma de manter as “estórias antigas na memória do tempo”.

2.4 A APROXIMAÇÃO

Conforme o exposto ao longo deste trabalho, convém, ao fim, afirmar que o encarar da palavra como força de criação e de origem de/a vida aproxima as literaturas africanas dos escritos de Clarice Lispector. Isso acontece porque mesmo conhecido o fato de a escrita ser uma marca de dominação da cultura estrangeira, do colonizador, os autores africanos de língua portuguesa encontraram na literatura um meio de “não deixar que seu texto se perca no registro escrito de outra língua” (MELONI, 2015, p. 13), e nisto consiste a permanência da força vital da palavra, que mantém, desta forma, viva a cultura de um povo oprimido, especialmente no aspecto cultural.

Assim também na literatura de Clarice Lispector, a palavra atua como resistência se considerarmos que para autora, que carregava a culpa de não ter sido quem curou sua mãe ao nascer, precisava se reafirmar como pessoa e entender o propósito de sua vida, que não fora curar a mãe, como esperava-se a princípio. Não obstante, tanto os autores africanos quanto Clarice Lispector vão alterar a lógica da língua de modo a favorecer seu entendimento ou reafirmação, ou seja, de modo a favorecer sua expressão de maneira mais eficiente e clara.

A compreensão da palavra como força motriz de todo o imaginário cultural”, conforme dito por Meloni (2015, p. 29) transforma-se, na cultura africana, em força motriz para a liberdade de expressão, de crença e, logicamente, de resistência, por meio da literatura. Essa noção também nos aproxima de Clarice Lispector, já que tratamos aqui de uma autora em constante busca pela liberdade, como ela mesma registra ao dizer que “liberdade é pouco, o que eu desejo ainda não tem nome” (LISPECTOR, 1998, p. 70).

A diferença consiste no fato de que enquanto a escrita era instrumento de cuidado coletivo para autores africanos que buscavam salvaguardar valores e crenças de tribos e comunidades inteiras, Clarice faz uso de uma escrita, em oposição, intimista e individualista quando busca o poder vital da palavra. Além disso, a palavra Clariceana ganha força em sua escritura, enquanto os autores africanos vão encontrar um meio de resistência na oralização da língua escrita.

3. CAMINHO METODOLÓGICO

Como caminho metodológico, buscou-se nas Dimensões da pesquisa-científica propostas por Novikoff (2010) a base para a organização do pensamento científico que norteou esse estudo. Tratam-se de cinco dimensões conforme apresentado na Figura 1.

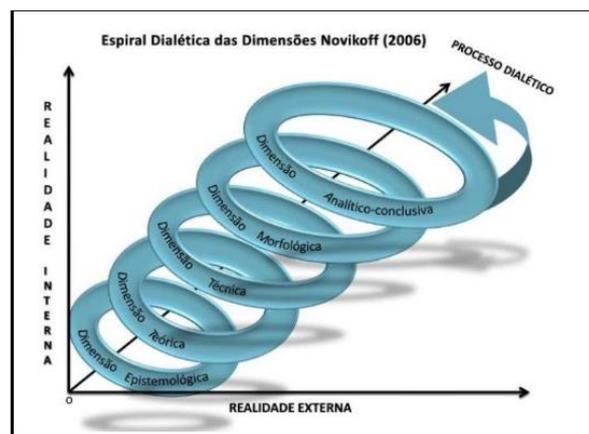


Figura 1: Espiral Dialética das Dimensões Propostas por Novikoff

Fonte: Novikoff (2010, p. 222)

A primeira Dimensão Epistemológica delimita o objeto de estudo, apresenta a problematização, o objetivo geral e os específicos, as hipóteses e a justificativa do estudo. A Dimensão Teórica apresenta os conceitos basilares de forma ancorada. A Dimensão Técnica delinea o caminho metodológico determinado para a pesquisa. A quarta Dimensão Morfológica consiste na etapa em que o pesquisador apresenta os dados coletados, podendo ser em forma de imagem, figuras, tabelas, quadros, gráficos ou fragmentos de textos. Por fim, a Dimensão Analítico-conclusiva é a etapa onde o(s) autor(es) confrontam os dados epistemológicos com os dados obtidos, constituindo-se dessa forma a conclusão do estudo. Coutinho e Escola (2017) afirmam que

Tendo em vista o então exposto, podemos pensar que a apropriação da utilização das Dimensões da Pesquisa Propostas por Novikoff (2010), como uma ferramenta direcionada para uma nova forma de organizar, pensar e fazer a pesquisa científica; emerge como recurso seguro e inteligente, estando acessível a todo aquele, seja docente ou discente, que pretenda fazer da pesquisa sua estratégia dentro do cenário acadêmico (COUTINHO, ESCOLA, 2017, p. 194)

Além disso, a aproximação entre as literaturas foi feita seguindo uma lógica de comparação que respeita as semelhanças e distanciamentos entre os dois contextos, de produção e cultural, e textos literários, revisão bibliográfica baseada nos trechos de alguns filósofos africanos, autores africanos de língua portuguesa e a obra de Clarice Lispector, juntamente com críticos de sua obra; além disso, utilizou-se também a literatura comparada dos textos supracitados, visando a aproximação dos dois tipos de produção literária.

4. ANÁLISE CRÍTICA

Entender a palavra como força originária da vida, criadora de novas possibilidades e instrumento de manutenção da vida, cultural ou emocional, faz com que a literatura se mostre também vital como ela é, necessária e imprescindível em qualquer realidade cultural.

Apesar das distinções acerca da natureza de cada literatura, a união entre Clarice Lispector e as literaturas africanas somente é possível pela força que ambas representam, tanto no sentido de resistência, quanto na fé que é depositada na perspectiva de criação que apresenta a palavra, o instrumento construtor de todas as coisas, em ambas realidades.

A literatura comparada permite o confronto entre diferentes culturas e essa análise é essencial para encontrarmos os universalismos de que todos os povos são portadores, de forma que a literatura torna-se, apesar das disparidades que este método também permite encontrar, um ponto de ligação.

A palavra que foi instrumento de dominação dos povos africanos torna-se, depois de um tempo, seu principal instrumento de contrarrevolução; assim também Clarice, que entende a incapacidade das palavras quanto ao poder de abarcar seu universo interior, e apodera-se delas mesmo assim, revertendo sua lógica para dizer o indizível e transcrever o inenarrável.

Apesar de os africanos enxergarem a palavra com seu caráter oral e musical, diretamente ligado aos sons da natureza, o fazer artístico em que consiste o texto literário ganha potencialidade nas tentativas africanas de traduzir a oralidade para o mundo escrito, ao mesmo tempo em que Clarice encontra o mesmo desafio na transcrição do mundo interior ao mundo das palavras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para identificar de que maneira Clarice retrata a força de criação da palavra e da mesma forma em relação aos pensadores africanos, primeiramente buscou-se esclarecer em que consiste essa perspectiva, de modo a procurar referências nos mitos de criação africano e judaico-cristão, momento em que verificou-se a força que os deuses conferiram à palavra para fazer dela seu instrumento de criação do mundo; num segundo momento, foram apresentadas

separadamente as duas literaturas e a forma como a força de criação da palavra foi explorada em cada uma delas. Feito isso, foi possível fazer uma comparação que constatasse e justificasse as semelhanças de ambas literaturas, à despeito de suas diferenças, no que diz respeito ao uso da palavra como força de criação.

Assim, ficou claro que a literatura de Clarice Lispector, intimista e essencialmente escrita, e as literaturas africanas, de caráter oral e coletivo, se aproximam porque ambas entendem o poder de criação da palavra como instrumento propulsor do fazer literário. Pode-se dizer isso porque se em Clarice a criação de histórias foi o que lhe permitiu conhecer uma realidade em que seu nascimento não curou a mãe, e postumamente, lidar com a culpa que tal fato lhe causou e que a autora carregou ao longo de toda a sua vida, também para os africanos a palavra foi o que permitiu a eles construir uma identidade literária que condizia com sua matriz cultural, ainda que na língua do colonizador, de quem adquiriram a língua, outrora utilizada como instrumento de dominação. Logo, tanto a matriz cultural africana quanto a própria Clarice só puderam manterem-se vivos por meio das criações literárias que a palavra permitiu.

Mediante o exposto, fica claro que cabe a esta pesquisa o interesse em maiores desdobramentos, considerando-se sua complexidade e riqueza de discussões. A começar por uma análise própria e mais aprofundada das obras literárias africanas em comparação ao texto de Clarice Lispector, sem perder de vista, entre outras coisas, a possibilidade de exploração da vertente pedagógica multiculturalista que esta pesquisa permite, inclusive como meio de integração cultural para estudantes do Ensino Médio, no que se refere ao contexto das aulas de literatura. Assim, este texto reflete as primeiras impressões observadas após uma análise inicial, mas não se esgota aqui.

3. REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Uma força vital**. O correio da Unesco, Paris, ano 21, n. 11, nov. 1993.

BÍBLIA SAGRADA. **Hino da criação do universo**. Tradução da CNBB. 9ª edição. São Paulo: Editora Canção Nova, 2009. 1563 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2ª Edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

COUTINHO, Rhanica Evelise Toledo; ESCOLA, Joaquim José Jacinto. **As diferentes ciências e um instrumento de construção epistemológica**. Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 185 - 196, set. de 2017.

MELONI, Otávio Henrique. Aula 1. Introdução à narrativa dos países africanos de língua portuguesa. In: MELONI, Otávio Henrique; FRANCO, Roberta Guimarães. **Literaturas africanas II: volume único**. Fundação Cecierj: Rio de Janeiro, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. 1ª Edição eletrônica. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NOVIKOFF, Cristina. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

RUI, Manuel. Eu e o outro: o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha Mamana África**. São Paulo: Epopeia; Secretaria de Estado de Cultura, 1987.

Recebido em: 30/10/2018

Aceito em: 04/11/2018

Endereço para correspondência:

Nome: Rhanica Evelise Toledo Coutinho

e-mail: rhanica.coutinho@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)